

“O GARIMPO NÃO DESTRUIU MAIS QUE UMA BALBINA”

● **BELÉM** — Em certa ocasião, para provar que mercúrio não faz mal à saúde, ele tomou mais de cem gramas do metal em frente às câmeras de televisão. Grande rival das mineradoras e considerado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) da Igreja Católica o inimigo número 1 dos índios da Amazônia, após ter comandado a invasão das reservas dos índios ianomâmis em Roraima, o líder garimpeiro José Altino Machado, fundador da União dos Sindicatos e Associações dos Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal) não tem papas na língua. Já brigou com mineradoras do porte da Paranapanema, desafiou a Fundação Nacional do Índio, mas mantém boas relações com as Forças Armadas. Aos 49 anos, esse mineiro de Governador Valadares, avô de sete netos — todos homens — já inscreveu seu nome na história da Amazônia, onde aportou pela primeira vez em 1967 e nunca mais saiu. “Os garimpei-

ros revelaram ao mundo a penúria em que viviam os ianomâmis”, afirma José Altino. “O anonimato na Amazônia só beneficia os governantes”, acrescenta. Contundente, critica a política ambiental do governo Fernando Collor e aponta os garimpeiros como os grandes desbravadores da Amazônia brasileira. “É a única atividade que as organizações não-governamentais não conseguem inviabilizar por pressões econômicas, porque é auto-sustentável e auto-suficiente”, assinala. Contesta o secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, questionando os seus conhecimentos científicos sobre a Amazônia e acusa o deputado Fábio Feldman (PSDB) de apresentar números levianos em relação à evasão de ouro no Brasil. “O deputado demonstra não saber que US\$ 8 bilhões é a produção brasileira de mais de 10 anos, e não a evasão ocorrida em quatro anos, de 84 a 88, como ele diz”.



José Roberto Serra

Ronaldo Brasiense

A Amazônia está sendo internacionalizada?

— Acredito que a internacionalização da Amazônia, ao contrário do que se pensa, não significa que alguém vá ocupar a Amazônia. A internacionalização diz respeito às decisões que são tomadas sobre ela e isso já existe. Lamentavelmente o presidente Collor abriu mão da autoridade da discussão política sobre a Amazônia e internacionalizou essa discussão. Hoje, cada célula missionária, cada organização não-governamental internacional tem uma opinião sobre a Amazônia, porque lamentavelmente somos uma república de mídia e essas ONGs têm muito acesso à mídia.

— Estamos presenciando uma nova corrida do ouro na Amazônia?

— Não, não. A Amazônia já tem garimpagem há mais de 200 anos. A corrida que o Brasil assiste hoje rumo aos garimpos é a corrida da fome. Existe uma massa desempregada, uma massa sem terra, uma massa de problemas de seca, uma massa de problemas políticos, que tem ocorrido à Amazônia em busca de uma vida melhor.

— Quantos garimpeiros estão em atividade na Amazônia?

— A garimpagem hoje é muito sazonal.

O Brasil é um país irresponsável para dados e números

Ela sempre oscila entre 800 mil e um milhão. Só o Mato Grosso contribui com mais de 300 mil pessoas.

— Esse dado não bate com o do Cadastro Nacional de Garimpeiros feito pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), que aponta pouco mais de 200 mil garimpeiros.

— Em Minas Gerais ele cadastrou 230 garimpeiros e 690 cozinheiras. Tenho nas mãos um estudo feito por autoridades mineiras, que dão Minas com 220 mil garimpeiros. Então, para o DNPM, o garimpeiro mineiro está mudando de profissão: está deixando de ser garimpeiro para montar restaurante. Essa é a valia do censo do DNPM para mim.

— O que o senhor tem a dizer da acusação de que os garimpeiros são responsáveis por graves danos ambientais na Amazônia, como a poluição dos rios com mercúrio?

— Os garimpeiros são muito atacados por entidades não-governamentais porque é a única atividade na Amazônia que eles não conseguem inviabilizar por pressões econômicas. Com todas as outras atividades as ONGs chantageiam o Banco Mundial, os bancos que fornecem recursos para o Terceiro Mundo. Quanto à garimpagem, a chantagem não funciona porque a garimpagem jamais dependeu de financiamentos externos como qualquer outra coisa que se queira construir no Brasil. Ela é uma

atividade auto-sustentável e auto-suficiente.

— Mas algumas entidades acusam os garimpeiros de jogarem centenas de toneladas de mercúrio nos rios, como ocorre no Tapajós, no Pará, que já teria recebido 600 toneladas de mercúrio.

— Os números do DNPM para nós são parecidos com os folclóricos números do deputado Fábio Feldmann (PSDB-SP), que atribui ao Brasil uma perda de US\$ 8 bilhões em evasão de ouro em quatro anos — de 84 a 88. Os números dele são tão levianos como esses do DNPM. O deputado Feldmann demonstra não saber que US\$ 8 bilhões é a produção brasileira de mais de 10 anos — se é que ela aconteceu. E quanto a essa questão do mercúrio, embora preocupante, embora possivelmente poluidora, jamais uma entidade não-governamental ou mesmo governamental alocou recursos para verificar a veracidade de qualquer afirmação. O Brasil é um país irresponsável para dados e números. É um país de criação de pânico com finalidades políticas.

— O secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, aponta o Tapajós como uma bomba relógio de efeito retardado que vai explodir mais cedo ou mais tarde...

— Não sei quais conhecimentos o secretário tem sobre a Amazônia e nem sei qual foi o relatório científico em que se baseou para fazer uma afirmação dessas. Acho que qualquer afirmação dessa natureza deveria estar respaldada num trabalho científico e se ele tem essa

preocupação, caberia à secretaria dele, tão logo ele assumiu, alocar recursos para fazer a pesquisa e verificar a enormidade, entre aspas, da afirmação que ele faz.

— Quem mais destrói na Amazônia? Garimpeiros, mineradoras, fazendas de gado?

— Olha, somada toda a atividade garimpeira — até hoje, nas áreas já degradadas, entre aspas também — não dá mais do que poucos quilômetros da Transamazônica; não dá mais que uma barragem de Tucuruí, não dá — e muito menos ainda — uma Balbina. Se você somar tudo o que o garimpo perdeu na Amazônia — e na minha opinião não perdeu —, não chega à metade de uma Balbina e tudo o que ele degradou não chega ao tamanho da área lavrada pela própria Paranapanema.

— Não existe muito folclore sobre as jazidas de ouro na Amazônia? O garimpo de Serra Pelada, quando foi descoberto, era apontado como a solução para a dívida externa, por exemplo...

— O potencial de ouro brasileiro é quase o dobro do potencial de ouro da África do Sul. Decretaram bloqueio econômico contra a África do Sul e não conseguiram sufocá-la economicamente. Sufocaram politicamente. A economia da África do Sul é baseada em recursos minerais, principalmente o ou-

ro. O que acontece com o exemplo de Serra Pelada é que a mina foi explorada a céu aberto com a cultura que o povo brasileiro tem. O governo brasileiro, a quem cabia administrar tecnicamente a mina para o povo, jamais o fez — nunca se preocupou em implantar em Serra Pelada uma engenharia de minas condizendo com o trabalho do povo.

— Os garimpeiros não estão colocando em risco a vida dos índios ianomâmis de Roraima, transmitindo doenças como malária e tuberculose?

— Quem está colocando em risco a vida dos ianomâmis, como tem colocado a nossa e de toda a população amazônica, é o serviço público que falhou, que paralisou o combate à malária. A verdade verdadeira, que o tempo vai mostrar, é que o garimpeiro foi tirar o ianomâmi do anonimato, da penúria em que ele vivia, e mostrou isso para o mundo. Nós tínhamos 200 mil casos de malária por ano em 87 e hoje temos um milhão. Três por cento da população da Amazônia morrem por ano de doenças tropicais. Os ianomâmis estão morrendo na mesma proporção que o restante da população amazônica. O anonimato da Amazônia dá impunidade para o governante.

— Mas não houve um aumento de fato dos casos de malária entre os ianomâmis após a invasão garimpeira?

— Em 1985, a Amazônia inteira teve 130 mil casos, hoje tem um milhão. O aumento é generalizado. O que tem que ser mostrado pela imprensa é que, se o garimpeiro está transmitindo malária, cabe ao governo — ao invés de confessar que sabe que tem malária e está transmitindo para o índio —, tratar do garimpeiro. Não acusá-lo simplesmente de ser portador de uma moléstia e separá-lo dos demais porque o mundo jamais separou os adictos e muitos fazem campanhas para não separá-los.

— Na sua opinião, os índios brasileiros teriam terras em excesso?

— O problema é que o Brasil ainda não enxergou que o índio brasileiro quer o aumento de terras porque nas terras vizinhas estão as riquezas que a economia do civilizado produz. O índio brasileiro hoje é um pretendente natural e com direitos a participar de nossa economia se ele assim o desejar. E ninguém deve confrontar isso. No dia em que nós incentivarmos os índios a terem uma produção própria, recursos próprios, e incentivá-los a produzir para que possam consumir como nós, estaremos resolvendo o problema.

Os ianomâmis saíram do anonimato graças aos garimpeiros

— O que o senhor acha da política ambiental do governo Collor?

— Acho que nossos antepassados devastaram o país por falta de programa e projeto. Agora estamos devastando os homens para preservar o país, sem um projeto também. É o mesmo crime de devastação por falta de um projeto.

— Como o senhor vê o futuro da Amazônia?

— Ainda vão surgir cientistas reais, ambientalistas de fato e não uns Fábio Feldmanns da vida, que vão recomendar a exploração madeireira racional, para permitir a penetração de raios solares naquela floresta, naquele solo, para levantar a nova floresta que está debaixo dela. O subsolo da Amazônia é um dos mais ricos do mundo e também vai ser explorado.